



Crônica 130 - "Quando quase comprei o Anhembi."

Sabe o Anhembi, aquele complexo todo construído para feiras e convenções ao lado do Campo de Marte, na entrada da zona norte, em São Paulo? Pois eu quase comprei tudo aquilo, por incrível que pareça.

Até pra mim é uma história meio incrível, passados alguns anos.

Foi no tempo em que o ex-presidente Jânio Quadros era prefeito da Capital e eu procurava um lugar para instalar meu primeiro Parque da Mônica.

Foi quando me veio a idéia de que um parque de tamanho médio, ao lado do Anhembi, preencheria um vazio. Os visitantes e participantes das grandes feiras teriam um lugar para deixar suas crianças, suas famílias, enquanto trabalhavam ou visitavam os stands.

Haveria lazer durante feiras e mesmo fora do calendário de eventos. E a cidade ganharia o primeiro parque temático, interativo, com cara de Brasil.

Numa parceria com a administração pública, poderíamos abrir o parque nos primeiros dias da semana para as crianças das escolas municipais, entidades assistenciais e sindicatos, e nos fins de semana, haveria bilheteria normal. Eu já vira isso acontecendo com sucesso num parque da Pensilvânia em parceria com a prefeitura de Nova York.

Nessa época eu não tinha, ainda, o Parque da Mônica no Shopping Eldorado. Então, procurava parceiros, investidores, para a empreitada.

E encontrei num velho amigo, o empresário Joel Ostrowicz, o capitalista que eu buscava.

O Dr. Joel (como é conhecido nos meios econômicos), se dispôs a colaborar porque tinha conhecimento das intenções do prefeito em privatizar o Anhembi. E já havia interessados até mesmo em transformar, segundo se ouvia, o grande edifício central de feiras numa gigantesca garagem de ônibus. Fora outras ameaças de descaracterização.

Meu amigo Dr. Joel, nascido na Europa mas grande amigo da cidade, temia essas ameaças. Por isso me autorizou a negociar com a prefeitura... e explicar que ele, o grande investidor, estava por trás do processo, sob o ponto de vista econômico.

Afinal, falava-se de um negócio de 80 milhões de dólares, fora o investimento que seria necessário para reformas, manutenção e mesmo o término do prédio-esqueleto, que ainda está lá, ao lado do centro de convenções.

Marquei uma audiência com o prefeito para explicar meus planos e as reais possibilidades. Enquanto mantinha contatos com profissionais especializados em feiras para explicar o projeto e aprender com eles como o Anhembi funcionava. Afinal, não era só um parque da Mônica que estava sendo planejado. Havia toda uma cultura de administração do Anhembi a ser assimilada.

A reunião com o prefeito Jânio Quadros foi cordial. Pude explicar tudo, e o ex-presidente, aparentemente, gostou da idéia. Solicitou dos assessores para que colaborassem comigo e eu saí do encontro pronto para levar o projeto adiante. Naturalmente haveria uma licitação para a compra. Mas tudo indicava que nosso plano levaria a melhor por sua própria natureza: respeitaria a proposta original do Anhembi, injetaria recursos e ainda teria um parque interativo somado.

Pus mãos à obra e comecei a estudar um projeto de brinquedos interativos aliados a um visual bonito. Seria um parque diferente dos muitos que eu havia estudado em diversas partes do mundo. Tudo envolvido com muito carinho e a alegre participação da turma da Mônica.

Mas aí a coisa desandou: numa reunião na prefeitura, no meio de conversa com assessores do prefeito, foi insinuado que eu e meu investidor teríamos que enviar "flores e bombons" para alguns funcionários. Choquei-me e levei a mensagem para meu amigo investidor. Que se exasperou. Disse que não gastaria um centavo com "flores e bombons" nem que para isso perdêssemos o Anhembi.

E abandonamos o plano.

Depois disso veio a licitação para a compra do complexo todo. Mas a coisa não deu certo. Os interessados não preencheram os requisitos necessários e o Anhembi, afinal de contas, continuou servindo para feiras e convenções, que é sua vocação.

Posteriormente, durante a administração da prefeita Luísa Erundina, recebi convite para ressuscitar parte do projeto.

Buscávamos um local para o Parque da Mônica em São Paulo. Contatamos a Prefeitura (gestão Erundina) e ouvimos do seu entusiasmo para a implantação de um projeto na área do Anhembi.

Iniciamos desenhos e contatamos políticos. A Câmara teria que aprovar a idéia, que foi analisada e passou em primeira discussão. Mas na segunda votação, o Parque foi vetado e aprovaram o Sambódromo. Depois ainda surgiu um posto de gasolina na área que tínhamos planejado para o Parque.

Era uma boa idéia, que propunha um lugar bonito e seguro para as crianças o ano todo e não só durante feiras e outros eventos no Anhembi.

Não deu certo, mas nos preparou mais e melhor para a construção do primeiro Parque da Mônica no Shopping Eldorado.



Mas essa história fica para outra crônica.

MURILLO